



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

Literatura



Bulhão Pato

O Bussaco



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

O Bussaco

Bulhão Pato

Atualização ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1864 (*Digressões e Novelas*).
Livro Digital nº 1046 - 1ª Edição - São Paulo, 2018.
Novela/Conto/Romance - Literatura Portuguesa.

Raimundo Antônio de Bulhão Pato
(1828-1912)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

A POESIA DE BULHÃO PATO

A crítica também tem as suas aberrações e as suas simpatias, e em o número daquelas deve decerto entrar a facilidade com que ela apelidou a poesia de Bulhão Pato de *poesia loira*. Se à maneira do que Sainte-Beuve escreveu, tratando de Alfredo de Vigny, desejam exprimir na frase "poesia loira" a poesia pura, entusiasta, cândida, a poesia ingênua e de expansivos e simples afetos, talvez que o epíteto não seja de todo descabido no poetar do sincero e apaixonado cantor; mas agora, se "poesia loira" querem que seja a poesia de índole buliçosa, doidejante, infantil, travessa, embora de singelos e descuidosos devaneios, então a qualificação não é de todo verdadeira, porque o autor da *Convalescente no outono*, da *Helena*, da *Visão do baile*, e de outros tantos poemets inspirados pelo amor e pela saudade, é um poeta íntimo, afetuoso, melancólico, elegíaco até, e cuja candura de alma desafoga em ardentes e suaves estrofes de sentimento lírico. Nem tão pouco é completa, e nem se quer aproximada, a semelhança dos instintos poéticos de Bulhão Pato com o gênero de talento de Alfredo de Musset; há evidente diferença nas inspirações que mais habitualmente inflamam o estro dos dois poetas, e ainda maior diferença nos caminhos que seguem, nos aspectos naturais com que simpatizam, e nos afetos que lhes acendem o coração e a fantasia.

Nada mais difícil do que fazer classificações, e todavia, a crítica abalança-se muitas vezes a este arbítrio, separando, analisando e qualificando o talento de qualquer escritor por espécies e famílias, como o poderia fazer tratando-se de qualquer família das plantas. Disto segue-se que mais de um Linneu tem naufragado no empenho de semelhantes divisões científicas, por que realmente há grande distância entre pôr uma etiqueta sobre este arbusto ou aquela flor,

ou colocá-la sobre um poeta ou um prosador. Todavia, no nosso caso, a análise e a divisão estão feitas. O talento de Alfredo de Musset é um misto de Byron e Sterne, em quanto que Bulhão Pato pertence à sentimental e melancólica estirpe de almas apaixonadas, que em França tem por irmãos Mademoiselle de Valmore e Mademoiselle Tastu, e que entre nós é a expressão da verdadeira índole da poesia peninsular. E se não fosse a ânsia que sempre entre nós houve, e muito mais nestes nossos tempos de fáceis e desejadas aclimações estrangeiras, de ir sempre procurar fora aproximações destas, como se este batismo estranho, se tornasse indispensável para a consagração dos nossos engenhos, se não fosse esta ânsia, repetimos, fácil seria encontrar, mesmo no parnaso português, os congênitos e os ilustres ascendentes da linhagem poética de Bulhão Pato.

Analisando e seguindo com a vista a veia poética de Bulhão Pato, que ora se derrama em tranquilos e cristalinos meandros, por balseiras perfumadas, que, atraídas pelo suavíssimo sussurro do gracioso arroio, vem remirar-se na corrente e beijar-lhe as águas; ora correndo mais apressada e espumosa, se esconde em grutas, onde o amor depositara seus mistérios, ora volvendo atrás e enredando-se na selva, depara com uma gentil serrana, e aí se demora em límpidos rodeios, como se tão sedutor aspecto lhe immobilizara o nativo impulso; analisando e seguindo com os olhos todos estes caprichosos giros, quem não compreende que a alma do poeta se anima de todos os sentimentos que o contato da formosura inflama, o os diversos aspectos da natureza idealizam, e que daqui sai aquele composto de lirismo suave e afetuoso, que umas vezes toma as formas bucólicas, outras arde nos ímpetos eróticos, outras enfim procura os tons meigos e penetrantes da elegia, composto simpático e mavioso de que o desditoso Macias é já o precursor, ainda que mal definido, e Bernardim Ribeiro, a nossa mais perfeita e gloriosa personificação? Quem não compreende esta Índole e este parentesco?! É do poeta das *Saudades* que descende em linha reta o autor da *Helena*. Até há incontestáveis pontos da analogia entre muitos dos sentimentos, inspirações e até entre a própria concepção poética dos dois trovadores. E trovador chamarei a Bulhão Pato,

porque ele, como João de Lemos, e como Tomás Ribeiro, e talvez mais do que o primeiro, e tanto como o segundo, é um dos naturalíssimos filhos desta família peninsular. Na sua estreia o mostrou logo, na *Revista Universal*. Foi justamente a ingenuidade, o gracioso desalinho desta musa que, para se mostrar, nem procurava as pompas das metáforas de Victor Hugo, nem os embevecimentos contemplativos de Lamartine, que atraiu a atenção e simpatia de todos.

Quando a maior parte dos nossos jovens corria azafamada a jurar bandeiras nas hostes gloriosas dos grandes mestres franceses, Bulhão Pato parecia só querer evocar do primeiro e mais nativo período da nossa poesia aquela singeleza, aquela candura de afetos, aquela profunda e dolorida saudade que os cantores provençais nos trouxeram, e que os poetas árabes nos deixaram. É este o caráter da poesia peninsular, e ninguém, como Bulhão Pato, a não ser o autor de D. Jaime, a sente e revela melhor. Nos mesmos versos em que ele parece afastar-se um pouco da natureza dos assuntos mais prediletos ao alaúde antigo, nesses mesmos respira a simplicidade, os afetos tranquilos, o tom da suave e íntima tristeza, que são o seu característico. Na folha desbotada, diz o poeta :

*É esta na existência
A tua estrela de amor!
De amor puro, intenso, ardente,
Mas que, oculto eternamente,
No meu peito ficará!
Que, no infortúnio nascido,
Só comigo tem vivido,
E comigo morrerá.*

Não será, esta a ingenuidade, o afeto tocante e singelo, a mesma ausência de artifícios de estilo dos trovadores?! Até as repetições do mesmo pensamento no trocadilho final, umas das suas fórmulas mais usadas e características.

E nesta estrofe, da poesia que o autor intitula *Voltas*, não encontramos nós a própria maneira bucólica de Bernardim Ribeiro, a ponto de nos parecer estar lendo algumas das écloas do autor da *Menina e Moça*?

*Agora entre as outras flores
Correm uns certos rumores...
Quais são, não sei; mas ouvi
Que as mais belas da campina
(Por quem és tão invejada),
Quando hoje chamam por ti,
Dizem — rosa namorada,
E não — rosa purpurina.*

Nestes versos há a graça do idílio junto ao perfume suave da écloga: é Rodrigues Lobo e Bernardes ao mesmo tempo.

Mas quem me vir tão escrupuloso a inquirir assim a origem e progênie poética de Bulhão Pato, talvez presuma que ele faz consistir seus títulos de fidalguia literária em ser perfilhado nesta ou naquela escola, e que eu por lisonjear a vaidade do poeta, a mais feminil e meticulosa de todas as vaidades, me dei a esta tarefa de investigação de linhagens, desentranhando do cadoz dos pergaminhos da arqueologia literária os seus atestados de filiação. Pois se cuidam isto, cuidam mal. Bulhão Pato nunca pensou em escolas poéticas, e é justamente desta isenção de pensamentos que lhe resulta a liberdade que desde os primeiros anos inculcará a individualidade do seu engenho. Bulhão Pato canta como o rouxinol trina, como a rola geme, como a andorinha pipila, sem outra ciência nem outra pretensão senão o desabafo dos ímpetos que lhe agitam a alma, sem outro auxílio mais do que a nota espontânea e natural. É um poeta intuitivo, afetuoso e expansivo, e tão fácil em derramar lágrimas e mover-se a todos os transportes, tão debatido envergado pelos ventos da paixão, tão inspirado só pelos abalos íntimos, tão estranho a escolas e artifícios da arte, que lendo-o, e ainda mais, ouvindo-o recitar os seus próprios versos com a veemência e admirável naturalidade com que ele os recita, é impossível não

considerar a poesia como independente de todo o fim convencional, e não ver nela o simples dom do poeta chorar, compadecer ou exaltar as suas angústias, envolvendo na melodia o seu sofrimento. E é por isto que ele pertence, não intencionalmente, mas pela organização do seu ser poético, à mesma família de cantores naturais e espontâneos que em combinações rítmicas de extrema singeleza, acolhiam por únicas inspirações a natureza, a glória e o amor.

J. M. DE ANDRADE FERREIRA

O Futuro, 15 de fevereiro de 1863

Pesquisa e adequação ortográfica: Iba Mendes (2019)

O BUSSACO



Eram 10 da manhã de um dia de maio do ano do Senhor de 18... quando eu e o meu amigo R. C. chegávamos à porta do convento de Santa Cruz do Bussaco. Em primeiro lugar permita-me o leitor condescendente um leve esboço do meu companheiro de viagem.

Suponha um homem de estatura menos que o regular, porem ágil e proporcionado; nariz ligeiramente aquilino, boca espirituosa, bigode farto e negro, olhos garços de uma viveza admirável, testa espaçosa e cortada por aquela veia túmida e perpendicular, veia fatal, que, segundo os frenologistas, caracteriza os doidos e vis poetas.

Este era ambas as coisas.

Nesse mesmo ano havia entrado pela primeira vez a porta do parlamento, e tomado assento na camará. As discussões acaloradas daquela época concorreram para o desenvolvimento dos seus instintos oratórios. Falava com rapidez, vivacidade e elegância.

As lutas jornalísticas, em que se empenhara anteriormente, haviam corrigido o seu estilo, e aumentado as forças da sua dialética.

As águas do Mondego, os suspiros da aragem por aquelas margens, onde os salgueiros se acurvam melancólicos, e o rouxinol improvisa caprichosas volatas, tinham despertado as primeiras notas da sua lira apaixonada. O estudo dos melhores mestres antigos e modernos havia-lhe revelado os segredos da forma e aprimorado o poeta. Erudito sem pedantismo, vate sem pretensões, etc., etc., e sobre tudo homem de coração, como há poucos neste mundo, eis aqui o que era e o que é o meu particular amigo A. X. R. C.

É verdade, faltou-me acrescentar, por último toque, que possuía o

dote de ser repentista como qualquer cultor da escola Bocagiana.

— *Eccome alfim in Babylonia!* Exclamei eu tirando o amplo chapéu de viagem, enxugando o suor que me escorria de testa e aspirando a largos tragos as lufadas de ar vivo e fresco que vinha impregnado no perfume agreste da floresta virgem.

Entramos por uma extensa alameda de cedros e castanheiros gigantes, que faziam sobrecéu, vedando quase completamente a passagem aos raios do sol ardente, que brilhava no firmamento puríssimo.

Admira que o espírito dendroclasta desta nossa gente, não tenha estendido o benefício da serra e do machado até aos troncos nodosos e seculares daquelas árvores gigantescas. Acho que principiaram, porém, foram detidos na sua fúria destruidora pelas diligências que fez o meu respeitável amigo, A. de Oliveira Marreca, para impedir semelhante atentado.

Depois de uma jornada de quatro léguas, por caminhos detestáveis, e debaixo de um calor ardentíssimo, não se descreve a sensação que nos produziu a vista e a benéfica sombra daquele majestoso e solene santuário. As torrentes de água cristalina e nevada saltam em borbotões da rocha viva, derivando pelo declívio do monte até ao profundo vale, onde se juntam dando origem a um rio abastado que vai regando depois os campos na extensão de algumas léguas.

Subimos a cavalo até um terço da encosta, e apeamo-nos à porta do humilde convento, hoje desmantelado e deserto.

Um veterano invalido, que acumulava as funções de *cicerone*, veio por os seus serviços às nossas disposições. Era o único vivente humano que existia naquela mansão de paz. Aceitamos de boamente, e sentamo-nos a descansar por algum tempo sobre os degraus da cruz ereta no adro, mutilada e denegrida pelo tempo, revestida de alguns troncos de viçosa hera, sempre constante e inseparável companheira dos monumentos, quando a mão volúvel

do homem os abandona deixando-os desabar em ruínas.

— Entremos na igreja, disse A... como acordando do profundo letargo em que, fora do seu costume, estava, havia largo tempo abismado, vais ver e admirar as imagens de que te falei tanto.

Transpusemos os umbrais da porta e achamo-nos nos sombrios corredores.

A vista das celas acanhadas e tristes, cada uma delas com o seu pequeno jardim circundado por altos muros, onde apenas se descobre uma nesga de céu, comprimiu-me a alma com um sentimento profundamente doloroso. Ali passavam os pobres frades, com os olhos postos na cruz, que lhes apontava D longínquo horizonte da outra vida.

Quantos dramas despedaçadores se não dariam ali com um só ator e num teatro tão limitado?! Às vezes a vontade inabalável de um pai severo, outras os reveses do infortúnio, e as mais delas o amor de uma mulher, levava esses desventurados a procurarem, na penitência e no martírio, remédio enérgico para cicatrizar as feridas que a mão da fatalidade lhes abrira no peito.

E encontrá-lo-iam? Deus o sabei...

O burel, que os amortilhava em vida, embebia as suas lágrimas ardentes, as paredes abafavam os gemidos da agonia e a dor dos tormentos passava despercebida aos olhos do mundo. E que há nele para os infelizes? Fastígio? pompas? glórias? Ironia pungente que vem aumentar o sofrimento do que não pode já gozar dos seus vãos prazeres. No mundo é preciso comprimir o pranto, calar os gemidos para que se não riam deles. Assim vale mais a solidão, a cela humilde, o esquecimento total dos homens.

Há três imagens ali, modeladas em barro, que são três primores de

arte; vieram de Itália, segundo me disseram, mas não pude saber o nome do autor.

As três imagens são: a Virgem da Solidade, São Pedro e Santa Maria Madalena. Farei menção das duas últimas em particular, porque me surpreenderam, e me tiveram pasmado tempo infinito.

Balzac diz “As lágrimas do velho são raras, delgadas; rolam entre as pálpebras, umedecem-nas, secam-se, renascem; mas nunca se deslizam pelo rosto fáceis e abundantes como as da criatura jovem. Últimos orvalhos do outono humano!”

Como o desconhecido artista italiano realizou na sua obra esta observação do grande escritor francês! A figura de São Pedro representa o momento preciso em que o galo canta pela segunda vez. Contraída pela dor, suplicante e arrependida, a sua fisionomia ergue-se a implorar perdão ao céu por haver negado a Cristo.

Oh! como o escultor foi sublime nos toques mágicos que estampou naquele rosto!

A boca, entreaberta pelos transe da agonia íntima, parece que vai exalar o último suspiro. Os olhos sumidos, torvos, encovados, onde uma lágrima forceja em vão para rebentar deles, e deslizar pelas faces lívidas, cobertas com o suor da agonia, parece que nos estão dizendo as atribulações por que passava a sua alma. Os raros cabelos, que povoam a cabeça do alucinado apóstolo, eriçam-se com o terror: as rugas profundas da testa espaçosa confrangem-se pela amargura, as mãos que aparecem lívidas como a mão do morto, denunciam que o sangue, abandonando as extremidades, refluíu todo ao coração e ali, por instantes estagnado, tem suspensa num fio a vida.

Há além disto uma tal expressão derramada pelo semblante que escapa à análise.

Quando se desviam os olhos deste vulto, e se cravam na figura da

santa que fica fronteira, desafoga-se o peito da singular impressão que nos produz aquela vista. É também ela a imagem da dor e do arrependimento, mas quão diversos estes sentimentos se manifestam ali!

A esperança, o nume consolador dos que sofrem na terra, vem iluminar suavemente o semblante macerado da infeliz Madalena. As lágrimas, que não podem rebentar dos olhos do velho, correm abundantes e cristalinas pelas faces desbotadas da mulher jovem ainda, a quem a mão da Providência esclareceu com um raio da sua infinita misericórdia, para a desviar do caminho enredado e cortado de abismos no qual se transviara.

A figura apresenta-se um pouco mais do que a meio vulto. Um vestido de esparto resguarda o corpo da santa, emagrecido pelas vigílias e padecimentos. A cabeça inclina-se languidamente sobre o lado direito, as longas madeixas de cabelo loiro, basto, e anelado, descaem espargindo-se pelos membros desalinhas.

Como é divina a expressão dos olhos azuis, que se cravam no livro procurando com dificuldade ler as orações santas através das lágrimas que lhe empanam a vista! Olhos melancólicos, mas apesar disso iluminados pelos doces reflexos da esperança celeste. Quanta suavidade na carnação, onde se não ostentam as cores esplêndidas que denunciam a robustez da vida; mas que não é tão pouco lívida, embaciada, mortal. Apenas as faces se alegam com a desvanecida cor de rosa; no resto do semblante pálido descobrem-se através da delicadeza da pele as veias azuis. O sopro da vida vai-se extinguindo ali, suave e languidamente, como se extingue a flor que sorri numa alvorada de agosto, que os raios ardentes do sol no crescer do dia, fizeram pender na haste, e que à tarde, quando chega a hora do crepúsculo, quer animar-se com as brisas frescas da noite, mas já não tem seiva que a sustente, e assim descai do tronco, sem esforço, belá, fragrante, mal desabrochada ainda. Quanta unção no rosto! Quanta magia na boca entreaberta por um sorriso de dor e de esperança ao mesmo tempo!

Oh! que só as santas como a Madalena podem ser assim, e contudo (Santo Deus, perdoai-me se é uma blasfêmia esta) eu já vi, ou me pareceu ver alguém que se assemelhava a essa imagem!

Fugi como um louco da sua presença, porque se não o fizesse, tê-la-ia amado com o fogo, com a paixão de que só são capazes os doidos e os poetas.

Partimos para a *Cruz Alta*.

Eu respirava com avidez o perfume acre do mato bravo, que se levanta espesso e emaranhado por entre os troncos agigantados da floresta virgem. Depois de termos caminhado largo tempo pelo dorso da montanha, chegamos ao visor onde está Armada a cruz, singela e humilde como aquele que aí se deixou sacrificar por nós.

Não menos agradáveis e vivas, porém bem diversas, foram as sensações que de súbito me assaltaram o espírito.

Em volta de mim descobria-se quanto os olhos podiam alcançar. Os diversos acidentes de terreno, as variadas formas de cultura num círculo de muitas léguas, as casas desta e daquela povoação pitorescamente agrupadas, e por assim dizer encravadas no meio dos campos cobertos de relva, ou das searas que pululavam ao calor benéfico do sol ondeando suavemente com a brisa do norte, davam a esse panorama um aspecto sedutor. Sentei-me nos degraus da cruz e pus-me a pensar. Em quê? Não o saberei dizer! Era esse cismar vago que os franceses exprimem pela palavra *reverie*; estado da íntima e deliciosa poesia em que a nossa alma jaz absorta, situação em que o espírito percorre toda a escala das sensações delicadas, em que milhões de quadros se grupam ante a nossa fantasia, risonhos como a esperança, suaves como a saudade, coloridos e brilhantes como a ventura; momentos em que o espírito sente e não compreende, em que tudo é vago e indefinido para as nossas faculdades e apenas inteligível para a consciência.

Despertei deste delicioso sonhar acordado à voz do meu amigo que disse:

— É cedo ainda. Queres ouvir uma história que se passou aqui com um moço que eu conheci na minha infância.

— Vamos a ela.

O poeta começou do seguinte modo:

Na minha aldeia, no ano de 182... havia duas famílias, ambas de ilustre ascendência, e que viviam ali com o modesto rendimento de alguns prédios rurais que tinham escapado às extravagâncias de seus maiores. Uma das famílias era realista, a outra constitucional. A realista compunha-se de mãe e de um filho. O seu chefe perecera, assassinado pelos liberais no meio dos tumultos civis que precederam a reação de 1823. Pai, mãe e uma filha constituíam a outra. Houvera ali também um filho: mas esse morrera enforcado por se achar cúmplice numa conspiração liberal.

Já vês que nenhuma delas podia deixar de ter no fundo do coração grandes ódios ao partido contrário. Diante de uma erguia-se a imagem do cadáver de um pai: diante da outra a do cadáver de um filho.

Ambas as famílias conhecendo-se de nome, vivendo vizinhas, vendo-se a todos os instantes, vieram por fim a contrair relações. Em política é que não fala vã nunca, nem podiam falar. D. Afonso de Menezes, era o nome do homem a quem tinham enforcado o filho por ser constitucional; Paulo, o do mancebo a quem haviam assassinado o pai por ser realista. Quando Henriqueta, mulher de D. Afonso, via Paulo ao lado de sua mãe, levando-a a passear à tarde por aqueles campos, amparando-a com o seu braço, afagando-a com as suas palavras, representava-se-lhe a querida imagem do filho,

criança ainda, vindo alegre e descuidado arremessar-se-lhe nos braços, cobrindo-a de beijos, enchendo-a de carícias; e via-o depois, homem feito, subindo as escadas do patíbulo, com a alva vestida, encarando orgulhosamente as turbas, e protestando em nome de Deus e das ideias contra aqueles que o sacrificavam. O estremo arranco da agonia do filho, parece que o escutava naquele instante o atribulado coração da mãe. Oh! então despregava os olhos daqueles dois entes, porque nos desvarios da sua afiliação como que se lhe representava neles o partido que levava seu filho ao cadafalso.

Era, porém, momentâneo isto, e a sua alma, rica de abnegação e de bondade, reagia contra aqueles tenebrosos pensamentos. Tornava a cravar neles os olhos, e não raro exclamava banhada em lágrimas:

— “Também a *ela*, coitada, lhe assassinaram o marido; também a *ele* o deixaram, tão moço, sem pai.” — E assim ficava até que Luísa, a sua filha querida, lhe vinha saltar ao pescoço, e derramar, com feiticeiras carícias, bálsamo consolador na larga ferida que lhe traspassava o coração.

Luísa... oh! se eu te pudesse fazer o retrato de Luísa! Imagina uma criança de quatorze para quinze anos, alta, elegante, proporcionada e flexível. Pálida, mas não de certa palidez que revela uma saúde débil: pelo contrário, o seu rosto, da alvura particular e aveludada da camélia, animando-se com a mais leve sensação, denunciava que um sangue puro lhe girava nas veias.

Se a visses doidejar como uma criança travessa por aquelas luxuriantes várzeas da minha aldeia, inocente, risonha, fresca cheia de vida! Se a pudesses contemplar ao bater das *Ave-Marias*, rezando a poética oração nos degraus daquela cruz, que se eleva a meia encosta, junto da qual estiveste já; se a pudesses contemplar, com as mãos erguidas, com os olhos azuis puríssimos postos no céu, *bela, bianca vestita*, como diz o Dante, cuidarias ter diante de ti realizada uma das visões encantadoras que Shakespeare nos fez conhecer

pelos doces nomes de Ofélia ou de Miranda.

Paulo fora educado na corte; seu pai, membro de uma das mais ilustres famílias de Portugal, consumira nos desvarios do grande mundo quase toda a sua imensa riqueza.

Paulo tinha quinze anos, quando seu pai fora assassinado; nesse mesmo ano sua mãe viera com ele para a província, e ali viviam os dois desafogadamente com os bens que lhes restavam.

Quando o vi pela primeira vez era eu uma criança; mas ficou-me tão vivamente impressa na imaginação a figura daquele homem, que ainda hoje me parece que o estou vendo diante de mim. Os olhos eram negros e cintilantes como os de um árabe do Hedjaz ou do Iêmen, a testa larga e proeminente, as sobrancelhas curvas e bastas, o perfil grego, a boca graciosa e grave; pálido, excessivamente pálido, com uma grande expressão de melancolia derramada pelo semblante. Até hoje não tornei a ver outra fisionomia tão notável como aquela. Nas linhas regulares do seu rosto quaisquer olhos descobriam à primeira vista os dotes de vasta inteligência, de vontade inabalável, de nobreza de caráter em grau difícil de encontrar. Quando Paulo viu Luísa pela primeira vez era ela uma criança ainda. Tinha onze anos. Quatro anos decorreram sem que entre ambas as famílias existissem outras relações que não fossem as de simples delicadeza.

Uma noite em que D. Afonso de Meneses recolhia para sua casa, foi assaltado por um bando de homens, agarrado sem que pudesse resistir-lhes, e ia a ser assassinado no momento em que Paulo, passando a cavalo, caiu como um relâmpago sobre eles e conseguiu salvá-lo. D. Afonso, que era um nobre caráter, votara agradecimento eterno a Paulo; contudo havia momentos em que ele quisera antes ter morrido do que dever a vida ao braço de um realista.

Desde essa noite as duas famílias principiaram a viver nas mais estreitas relações. Luísa tinha quinze anos então.

O coração de Paulo alimentava dois poderosos sentimentos: a amizade e o ódio; a amizade a sua mãe, e o ódio aos homens que tinham apunhalado seu pai, embora ele lívido, banhado de sangue, no meio dos paroxismos da morte, lhe houvesse implorado perdão para os que o tinham cobarde e cruelmente assassinado.

Paulo não perdoara: o sentimento da vingança lá lhe estava no mais fundo do peito; ele esperava, aparentemente tranquilo, a hora de o poder satisfazer, porque sabia qual era a mão que descarregara o golpe sobre o coração daquele que lhe havia dado o ser.

De outros quaisquer sentimentos estava a sua alma virgem. O amor... oh! esse existia para ele em sonhos; aparecia-lhe nas formas de criatura bela, de olhos lânguidos, de sorriso angélico, de vestes brancas, que vinha sentar-se-lhe ao pé horas e horas, olhando para ele meigamente, dizendo-lhe palavras incompreensíveis, mas arrebatadoras. O amor, como todos nós o sentimos aos quinze anos, sentia-o ele já depois dos vinte cumpridos; isto é, vago, misterioso, fantástico, como tudo quanto sonha a nossa imaginação.

O ente que realizasse neste mundo os seus sonhos, com que energia, com que virgindade havia de ser amado por aquele homem!

Quando Luísa encontrava Paulo fazia-se vermelha como a romã. Ele seguia-a largo tempo com os olhos, enquanto ela corria pelas várzeas, pulava pelas margens do rio, ligeira como a gazela, virente como o lírio, cândida como a pomba.

Uma tarde Luísa e sua mãe foram com a mãe de Paulo até à igreja de Nossa Senhora do Monte, que se abre para dar a festa dos trabalhadores, e que fica a meio daquela grande encosta, como tu sabes.

Era na primavera: não havia um palmo de terra, que na minha abençoada aldeia não estivesse coberto de relva e de flores.

A madre silva pelo valado, o silvão florido pelo mato, a rosa agreste pelas campinas, exalavam aqueles suaves perfumes, que aspirados na brisa fresca de uma bela tarde de abril nos embriagam suavemente os sentidos, e no trazem à imaginação as cenas mágicas da nossa infância, e os dias felizes da nossa mocidade.

Paulo chegara mais tarde à igreja, e sentado no adro esperava por elas, contemplando o firmamento que se esmaltava para o lado do poente de nuvens caprichosas e variamente coradas pelos últimos esplendores do sol.

Sentiu um ligeiro rumor de passos ao pé de si: voltou-se. Era Luísa.

Ambos ficaram por momentos calados, depois ela; trêmula, vermelha, perturbada, disse-lhe:

— Por que está triste? Não gosto de o ver assim... já nos conhecemos há tanto tempo e...

— E aflige-a a minha tristeza, Luísa?

— Se soubesse...

— O quê?

— Nada... respondeu ela, fazendo-se escarlata como uma rosa de cem folhas.

Neste momento vinha saindo a gente da igreja: Luísa foi a correr para dentro; Paulo deixou-se cair sobre os degraus da cruz, pálido e vacilante como se uma vertigem o tivesse deslumbrado.

Amar com a virgindade dos primeiros afetos, entregar-se anelante nos braços de uma mulher sem que através de suas feiticeiras carícias pretenda a dúvida descobrir o perjúrio; ter diante dos olhos o horizonte ilimitado da esperança, ver o mundo por um caleidoscópio brilhante; eis no que se resume para nós a completa felicidade; dura pouco... tanto como os dias das nossas ilusões!...

Paulo mais do que ninguém sentia isto tudo. Retirado do mundo aos quinze anos, sem ter gozado nenhum dos seus prazeres, vivendo até aos vinte só com sua mãe no retiro de uma aldeia, passando os dias, ora lendo os poucos livros que possuía ou obtinha, ora caçando ou correndo a cavalo por aqueles subúrbios, como o Rafael de Lamartine adivinhava essas esperanças e desilusões, esse entusiasmo precursor do desalento, sem experiências cruéis, e só pelas revelações íntimas de um engenho pronto, profundo e ardente.

Todas as paixões jaziam adormecidas na sua alma. O mais tênue incentivo devia acordá-las, mas acordá-las enérgicas, impetuosas, fatais talvez para ele. Foi o que sucedeu.

Desde essa tarde a imagem de Luísa, o som de voz com que ela proferira aquelas palavras, a expressão de seus olhos tímidos e inocentes, acompanhavam-no sempre. Eram deliciosos, posto que estranhos, os sentimentos que lhe tumultuavam no espírito.

Poucos dias depois encontraram-se ambos sós à janela. A lua resvalava no firmamento desassombrada de nuvens, e a viração fresca do norte rumorejava pelos arbustos que orlam as margens tortuosas do rio.

Calados se conservavam havia largo tempo; mas que palavras seriam capazes de exprimir tão eloquentemente os afetos que os agitavam, como os exprimia o olhar furtivo que de momento a momento relanceavam um para o outro?

Luísa foi a primeira a romper o silêncio.

Também singular circunstância é esta; a mulher, por mais tímida, por mais inexperiente que seja, quando está ao pé do homem que ama, tem sempre mil coisas para lhe dizer, enquanto ele — o de mais espírito às vezes — procura debalde nos recursos da sua imaginação uma frase, uma palavra, e não a encontra, ou se a encontra é ordinariamente uma sensaboria.

— Agora, Paulo, “ disse Luísa, agora então está mais triste do que nunca; se eu soubesse o que era preciso fazer para não o ver assim...”

— Diga-me, o que faria?!

— Tudo, fosse o que fosse, tudo...

— Menos...

— Menos o que, Paulo?

— Menos amar-me, não é verdade, Luísa?

— Não.

— Então, ama-me?

Perturbada, trêmula, com os olhos cravados no chão, proferiu, em voz quase imperceptível:

— Amo-o.

Paulo ao ouvir esta palavra mágica apertou convulso as mãos de Luísa entre as suas. Com a adoração que se tributa às santas se cravaram os olhos do mancebo nos olhos dela, e assim se conservaram os dois por largo tempo calados.

As flores da campina, a lua e as estrelas que tremulavam brilhantes

no firmamento, foram as únicas testemunhas daqueles protestos de amor; amor ideal como o dos anjos, casto como o das virgens, cheio de entusiasmo como o das santas.

Fresca, como a rosa dos campos, inocente e alegre como a avezinha que esvoaça nos bosques, vinha ela ao cair da tarde esperar Paulo no adro da ermida, que ficava a poucos passos da casa.

Quando ambos se avistavam, com que arrebatamento, com que alegria corriam um para o outro! E ali, sem que a mais leve sombra viesse perturbar a sua felicidade se conservavam até que o sol escondendo-se no poente, e o solene bater do bronze, dando o sinal das *ave-marias*, lhes vinham anunciar o momento de se separarem.

Seis meses decorreram assim: em todo esse espaço de tempo, nem um só dia deixaram de se ver, nem um só instante de repetirem os juramentos que haviam mil vezes proferido.

Um dia Paulo foi a casa de Luísa; os acontecimentos de 1828 tinham-se sucedido naquela semana.

O sistema absoluto achava-se restaurado em Portugal.

Era à noite. Luísa estava só na sala, e sentada ao piano quando Paulo chegou. Pela primeira vez, havia seis meses, tinham passado um dia todo sem se verem.

— Estava com cuidado em ti, Paulo, não vieste hoje, fui à ermida, e não te encontrei...

— Perdoa, Luísa. Tive de ir à cidade: passei por aqui, mas era cedo ainda: não te pude ver... Se soubesses que saudades tive...

— Deveras, Paulo? E eu.... pois se nós...

— Se nós não podemos viver um sem o outro! Não é verdade, Luísa?

E pela primeira vez, o mancebo imprimiu um beijo nas faces frescas daquela doce criatura.

Ela estremeceu ao sentir os lábios ardentes do seu amante, e vermelha, agitada, com os olhos cravados no chão e arrasados de lágrimas, ficou por instantes calada.

Passaram quinze dias; um dia pela manhã veio um criado a casa de Paulo com uma carta de Luísa: o papel estava úmido de lágrimas, e continha, pouco mais ou menos, as seguintes palavras:

“Escrevo-te cheia de aflição. Dentro em muito poucos dias temos de nos separar um do outro. O papá, quando ontem chegou a casa, disse que havíamos de partir para Londres, em consequência destas coisas políticas. Não imaginas como passei a noite. Vem imediatamente ter comigo ao jardim. A mamã sabe já que te amo; disse-lho eu. Oh! Paulo, tenho esperança em ti; tu não me abandones, seja como for, hás de acompanhar-me. Vem, não te demores um instante.”

Paulo, quando acabou de ler esta carta deixou-se cair pálido e transtornado sobre uma cadeira. Minutos depois ergueu-se de repente e correu a casa de Luísa.

Ela já o esperava no jardim, debaixo de um caramanchão que deitava sobre a estrada real. Assim que o avistou, correu anelante, a lançar-se-lhe nos braços.

— Que é isto, Luísa, que sucedeu; que mudança foi esta?! Parece-me um sonho tudo isto!?

— Também a mim, Paulo; mas infelizmente é uma bem triste

realidade. Querem separar-me de ti, dentro de oito dias, ou menos talvez; mas tu...

— Eu... sou muito infeliz. Que hei de fazer?

— Que hás de fazer? acompanhar-me seja como for; deixar tudo, e vir.

— Acompanhar-te! queres que abandone minha pobre mãe naquela idade, doente, e sem ter mais ninguém, neste mundo?! Oh! Luísa!...

— Tens razão, Paulo. Oh! mas se eu me sinto morrer à ideia de me separar de ti...

— Luísa!

— Paulo!

E ambos caíram nos braços um do outro, e assim ficaram por largo tempo estreitamente abraçados.

Nesse dia de tarde ela veio às mesmas horas esperá-lo no adro da ermadinha.

Quando Paulo a viu vestida de preto, com o rosto angélico banhado de lágrimas, abatido e demudado pela dor, cuidou ter diante de si a imagem de uma dessas virgens mártires, que apareciam nas poéticas lendas que sua mãe lhe contava quando ele era pequenino.

Tristes, desalentados, com o coração traspassado de angústia ficaram um ao pé do outro. Ele procurava debalde uma palavra de consolação para dizer-lhe; toda a energia do seu espírito se havia paralisado com a dor daquele inesperado golpe.

Nessa tarde, quando Luísa voltou a casa, sua mãe veio apertá-la nos

braços, e disse-lhe com a voz cortada de soluços:

— Luísa, minha querida filha, é preciso que tenhas resignação. Quem sabe? Talvez que estas coisas mudem dentro em pouco...

— E quando nos vamos, quando disse o papá que havíamos de partir?

— Daqui a três dias, quinta feira, sem falta...

Então! olha que teu pai há de afligir-se se te vir assim. Toma ânimo, o tempo voa... De um momento para outro... minha filha, minha querida Luísa... E a pobre da mãe amparava-a nos braços, animando-a e afagando-a como se fosse uma criança.

À noite estava Paulo ao pé de Luísa. Esta, correndo os dedos pelo piano, exprimia, a compor uma *valsa*, os sentimentos que agitavam a sua alma.

Eram melodiosas, gementes as estrofes daquele canto; singelas, mas repassadas de sentimento como o coração donde partiam.

Luísa nascera artista. Sem mestre, sem ter ouvido nunca os grandes músicos, apenas com algumas lições que sua mãe lhe dera, tocava admiravelmente.

Cada nota daquela *valsa* ficava para sempre impressa no ouvido, e no coração de Paulo.

E a imagem de Luísa nesse momento? Oh! Quem poderia contemplá-la sem se sentir vivamente comovido por ela?!

A música é a primeira de todas as artes que o homem criou! Nenhuma exprime tão bem os nossos sentimentos; nenhuma nos fala tanto ao coração; nenhuma desperta sensações tão deliciosas na

nossa alma!

A música! Oh! quando a ela se reúne a imagem de uma mulher que adoramos; quando longe, separados para sempre dessa mulher, sentimos murmurar às mesmas melodias que outrora escutamos a seu lado, com que saudade tão viva se nos representam na imaginação as cenas, que o tempo e a ausência nos iam pouco a pouco obliterando da memória!

Quem ao ritornelo de uma *valsa*, à harmonia de um romance, a este, ou àquele fragmento de certa opera, não tem ligada a lembrança de uma mulher?!

Passaram-se dois dias: chegou a véspera da partida.

Tu conheces Paulo e Virginia; lembras-te da cena em que eles proferem o último adeus sob as folhas verdes das bananeiras, em presença do mar, no meio daquela prodigiosa vegetação da América? Derramaste lágrimas, quando lestes aquela sublime elegia do coração? Pois se Deus me tivesse concedido o talento que concedeu a Bernardin de Saint-Pierre, escrevendo esta cena havia de te comover, como te comoveram as páginas traçadas pelo admirável escritor.

Luísa descera ao jardim pouco depois de ter dado a meia-noite; e ali, só, esperava que chegasse Paulo.

Este, assim que sentiu bater a hora aprazada, dirigiu-se para lá.

Quando escutou os passos dele, quando o viu ao pé de si, sentiu abandonarem-na as forças e caiu desfalecida sobre um dos bancos do jardim.

Paulo tomou-a nos braços, encostou ao peito aquela cabeça adorada, e tornou-a à vida com os seus beijos de fogo.

— Luísa, Deus há de ter compaixão de nós; talvez que eu possa

daqui a pouco... se as nossas famílias não seguissem opiniões diversas; se os realistas não tivessem condenado à morte teu irmão e os constitucionais não tivessem assassinado meu pai... podia eu... podiam os teus...

— É verdade, Paulo, meu pai quer-te muito. Ainda ontem lho ouvi dizer; mas...

— Mas o que, Luísa, dize?

— Mas é que ele sabe tudo; sabe que nós gostamos um do outro. Não sei como o soube mas dizia...

— O que, o quê? perguntou o mancebo com ansiedade.

— Que não pode consentir nunca em semelhante coisa, respondeu ela desatando num choro que cortava o coração.

Paulo, ao escutar estas palavras, ergueu-se de um pulo, cruzou os braços, e ficou por alguns momentos calado, e lívido como um cadáver. Depois, com voz abafada, e como faltando consigo mesmo:

— Que deixe estar, que não se incomode com isso; não hei de ser eu que vá pedir-lhe a mão de sua filha...

Estas palavras foram ditas com tal orgulho, a sua fisionomia assumira uma expressão de altivez e de severidade tais, que a pobre criança, quando olhou para ele exclamou aterrada:

— Jesus, meu Deus, se soubesse não te dizia...

— Fizeste bem; eu quase que o adivinhava... Tenho a certeza agora... Não importa; antes quero isso.

— Luísa, prosseguiu o mancebo depois de breve pausa, quero uma lembrança tua; seja o que for, que te pertença, que eu traga sempre no meu peito, sobre o meu coração; um anel dos teus cabelos.

— Aqui está, disse ela, desprendendo os braços do colo do seu amante, e tirando do seio uma medalha. Aqui está; mas não, espera, este é o retrato...

— O teu retrato?

— Sim.

— O teu retrato, Luísa? como foi... foste tu que...

— Fui eu, sim, que o tirei a mim mesma. E este conhecê-lo?

— É o meu, tal qual; nenhum retratista o tirava melhor... Luísa, querida da minha alma, exclamou o mancebo, apertando-a contra o peito e beijando-a com apaixonada efusão.

— Agora, Paulo, aqui tens o meu cabelo; hás de trazê-lo sempre contigo, sobre o teu coração como disseste? prometes-mo? juras-mo, sim?

— Sim, prometo, juro.

A luz pálida da lua iluminava suavemente aquele grupo. Ela com os cabelos soltos, vestida de branco, parecia o anjo enviado à terra pelo Senhor, para acompanhar o mancebo na trabalhosa peregrinação da vida.

O som pausado e lento do sino da ermida, dando horas, fê-los estremecer a ambos.

Contaram uma, duas, três: três da madrugada! Chegava o momento fatal de se separarem.

— Três horas; é tarde, disse ele com voz que forcejava por ser firme e vibrante; mas que lhe safa fraca e afogada do peito.

— São horas; não podemos estar aqui nem mais um instante. Dá-me um abraço. Adeus Luzia, até um dia; toma ânimo, filha, e escreve-me sempre muito!

Ela caiu nos braços do amante; as lágrimas estancaram-se-lhe nos olhos; o peito parecia que se lhe desconjuntava com o soluçar convulso; os lábios procuravam debalde a fatal palavra, o adeus terrível, e apenas articularam um gemido destes que partem direitos do coração.

Paulo desprendeuse-lhe de repente dos braços, e desapareceu.

Então a pobre donzela caiu desalentada e meia morta sobre um dos bancos do jardim.

Às cinco horas da manhã, vinha a alvorecer, Luísa e sua mãe meteram-se em uma caleça e tomaram a estrada de Santarém.

D. Afonso de Meneses devia partir mais tarde.

Paulo, a cavalo, esperava na margem esquerda do rio, ao pé daquele açude, que fica junto das *pontes*, que passassem Luísa e sua mãe.

Que alvorecer de madrugada aquele!

Oh! que se as dores morais matassem repentinamente o mancebo cairia fulminado ali, quando a viu a ela mais pálida do que os lírios que desabrocham ao romper da aurora por aquelas devesas o mais abatida do que as rosas que o vendaval açouta, mais bela, mais adorável na sua dor do que as virgens sacrificadas ao altar, dizer-lhe o último adeus, acenar-lhe ainda de longe com o lenço branco, e cair depois desfalecida nos braços de sua mãe.

Passaram-se dois meses; no fim deles Paulo recebeu uma carta de Luísa.

O mesmo amor, as mesmas saudades pungentes, os mesmos juramentos que lhe havia tantas vezes protestado, lhe renovava ela nessa carta.

Depois correu um ano quase, sem que Paulo tornasse a ter notícias dela.

A ansiedade o frenesi delirante com que as esperava, o desespero de as não receber, enfim todos estes sentimentos, supõe tu quão fortes os não experimentaria o apaixonado moço.

Passado um anno, exatamente no dia em que tinha recebido a primeira e última carta de Luísa adoeceu a mãe de Paulo.

Fora atacada de uma febre violentíssima que ao cabo de três dias malignou.

Os médicos declararam não haver esperança alguma.

Com o coração trespassado de angústia, a alma cheia de ansiedade, o mancebo velou junto do leito de sua mãe.

Nos momentos em que o delírio cessava, ela pretendia com palavras de maternal afeto suavizar as dores que atribulavam o coração do filho.

Horas antes de morrer disse:

— Eu sinto que vou morrer; e por Deus, que me ouve nesta hora estrema, te juro, filho, que não levo outra saudade se não a de te deixar... Ouve, espera; eu tenho vivido muito, demais... tenho sofrido muito na terra; assim o Senhor se amerceie de mim, e mo leve em conta, agora que vou comparecer na sua divina presença. Não chores, Paulo, não chores; e por esta cruz jura-me que não hás de atentar contra a tua vida, e que... jura-mo, jura-mo, hás de banir para sempre da ideia os sentimentos de vingança que o teu coração

alimentava?

— Juro, disse o mancebo com voz solene e pausada.

— Ainda bem, filho da minh'alma; posso agora morrer; era isto o que me amargurava Deste momento supremo: nada mais; que eu sou uma grande pecadora, ainda mal mas creio e sinto até onde chega a infinita misericórdia de Deus.

Depois a sua fisionomia decomposta pelos padecimentos, animou-se subitamente; sem esforço ergueu meio corpo na cama, lançou um dos braços ao pescoço do filho, com a outra mão apertou ao peito a imagem do Crucificado, e fez jurar ao mancebo o que lhe havia prometido, com as mãos sobre a cruz.

Em seguida deixou-se cair sobre o travesseiro, respirou mais alto, articulou algumas palavras, que Paulo mal pode perceber... eram o adeus suspiroso daquela tão longa despedida. Depois um como soluço cortado, duas lágrimas umedecendo-lhe as pupilas, e nada mais!

Paulo ficara também órfão de mãe!

Imóvel, com os lábios lívidos e entreabertos, com a vista baça, com o rosto banhado pelo suor da agonia, se conservou o mancebo por alguns momentos ao pé do corpo inanimado de sua mãe.

Depois arremessou-se sobre ela com desespero; partiram-lhe do peito esses gritos secos e estrídulos, que são o primeiro sintoma das terríveis tempestades da alma, sons que chegam às entranhas de quem os ouve, e que ao soltarem-se parece que estalam as fibras do coração.

Quando os criados acudiram encontraram-no desmaiado, conduziram-no para o seu quarto, deitaram-no no seu leito: onde se conservou três dias delirante. Assim que a violência da febre cessou, e quando a sua razão lhe voltou clara outra vez, encontrou ao pé de

si um amigo, que chegara de longa viagem, e que procurando Paulo, e encontrando-o naquele estado, nunca mais abandonara a cabeceira do seu leito.

— Eugênio, foi Deus, que te trouxe; não me desampares, não te afastes do pé de mim, disse o mancebo, quando viu ao seu lado tão inesperadamente o amigo da infância.

— Não, deixa estar, sossega, trata de te restabelecer: venho viver aqui, e não te abandonava nesse estado.

— Obrigado, Eugênio, obrigado. Tu sabes...

— Sim, sei tudo; mas é mister ser homem...

As lágrimas, que se haviam estancado nos olhos de Paulo, principiaram a derivar-se deles abundantes, dilatando-lhe suavemente o coração.

A imagem de Luísa! oh! essa imagem que lhe aparecia agora como único fanal de esperança no sombrio horizonte da sua vida, viera com o doce pungir da saudade desafogar-lhe o peito do terrível peso, que o esmagava.

No fim de quinze dias, encostado ao braço do amigo, saiu Paulo a respirar o ar fresco da tarde por aqueles campos.

Quando viu de longe a casa de Luísa, abandonada e deserta, quando alongou os olhos pelas campinas, pelas encostas, pelas margens do rio, onde outrora passara tantos dias de inefável felicidade, imagina o que não sentiria aquele coração!

Quase ao pôr do sol chegaram ambos ao adro da ermida. Paulo dirigiu naturalmente os passos para lá. Desde a partida de Luísa era aquele o seu passeio favorito.

— Está muito mudado isto, disse Eugênio, depois de alguns

momentos de silêncio.

— É verdade, respondeu Paulo com tristeza. — D. Afonso de Meneses foi para Inglaterra com sua família.

— Já o sabes?

— Estive com eles em Londres, talvez não haja ainda três meses.

— Estiveste? perguntou Paulo, estremecendo involuntariamente.

— Estive, e vi-os muitas vezes; a filha, que deixei aqui uma criança, custou-me a conhecê-la; achei-a já mulher feita, e linda como uma estrela. É verdade, tinha-me esquecido dizer-te...

— O quê?

— Casou oito dias antes de eu partir para Lisboa, com um português já idoso e rico, que se namorou da sua formosura.

— Casou quem, homem?

— Luísa, a filha de D. Afonso de Menezes; assisti ao seu casamento.

Apenas Eugênio acabara de soltar estas palavras, Paulo caiu redondamente no chão.

O amigo levantou-o nos braços, e procurou torná-lo aos sentidos. Vendo que Paulo não dava indicio algum de vida, chamou para que lhe acudissem. Logo que os criados chegaram conduziram-no para casa. Passada uma hora, Paulo recuperava os sentidos. Eugênio, estático diante dele, interrogava-o com os olhos.

O semblante do mancebo estava sereno.

Mas quando Eugênio ia a falar encarou-o de um modo tão extraordinário, que ele não se atreveu a proferir uma palavra sequer.

Depois Paulo, correndo a mão pela testa coberta de suor frio, disse:

– Há tempo que sou sujeito a ter estas vertigens; mas não é nada, em tomando ar, em sossegando um pouco, fico totalmente restabelecido.

No dia seguinte, quando Eugênio foi saber do seu amigo, não o encontrou; perguntou por ele ao criado, e este disse-lhe que seu amo não ficara em casa, que já tinha percorrido vários sítios para ver se o encontrava, mas que não tinha podido obter notícia alguma.

Foram baldadas as indagações; Paulo havia desaparecido.

Dali a muito tempo, Eugênio soube que o mancebo professara no *convento dos carmelitas descalços* do Bussaco.

O primeiro pensamento de Paulo, quando soube que Luísa tinha casado, foi o de suicidar-se.

Depois a imagem de sua mãe nos momentos antes de morrer, o juramento que lhe prestara sobre a cruz sacrossanta, a bênção, que por ela recebera com o último suspiro dos lábios maternos; toda essa cena enfim, que se lhe gravara tão profundamente no coração, lhe deu força para suportar o tremendo sacrifício da vida.

Sem um gemido, sem uma lágrima, sem um grito, que atraísse as cruéis angústias por que a sua alma estava passando, bateu Paulo à porta do humilde convento, e encerrou-se para sempre naquela lúgubre clausura.

Quem pode fazer a história de certos padecimentos? O maior fisiologista do coração, o que tenha aprendido a conhecer pela experiência própria, e pela observação nos outros, que coisa são certas dores morais, não seria capaz de exprimir nesta arrevesada

língua, que falam os homens, as atribuições, as agonias indizíveis, que se revolviam naquele espírito.

Viste há pouco esses corredores sombrios e abafadiços; faltou-te a respiração, quando entraste nessas escuras e acanhadas celas? Paulo, no fim de estar ah um ano, tinha os cabelos brancos, os olhos turvos e encovados, a pele macilenta e enrugada!

Quem diria, ao vê-lo, ser esse o gentil mancebo, que havia apenas dois anos corria a cavalo pelas férteis campinas da minha aldeia, ágil, robusto, cheio de ilusões e de esperanças no futuro!

Paulo cria em Deus, o seu espírito estava votado inteiro a ele; mas o seu coração!... nesse debalde procurava obliterar o que havia de acerbo, de corrosivo e de mundano!

De noite, só, no pequeno jardimzinho próximo da sua pobre cela, cravando os olhos no curto espaço de céu, que os altos muros lhe consentiam ver, que momentos, que horas de infinita amargura não passava ele!

Às vezes, nas noites serenas de abril, quando a lua cursava o firmamento puríssimo, e a viração do norte, impregnada no perfume da floresta virgem, vinha brandamente bater-lhe nas faces... o seu passado risonho, suave, mágico, se lhe desenhava na memória.

Então o coração do homem batia alvoroçado sob o habito grosseiro e negro de frade, os lábios afeitos a orações articulavam trêmulos um nome querido; os olhos, que costumavam cravar-se secos e mortiços sobre as páginas dos livros santos, erguiam-se ao céu resplandecentes e orvalhados de lágrimas, porque a fantasia representara diante deles a imagem sedutora da mulher, que tinham adorado.

Às vezes murmurava mansinho aquela valsa, que Luísa compusera uma noite ao pé dele; depois os soluços embargavam-lhe a voz na garganta, e o pobre frade desatava a chorar como uma criança!

Vieram os acontecimentos de 1833. As ordens religiosas foram extintas.

Paulo não tinha nada mais no mundo do que as quatro paredes da sua sombria cela e as flores e os arbustos do seu pequeno jardimzinho.

À custa de quantas lágrimas, de quão incríveis sacrifícios se não tinha ele habituado àquela solidão absoluta, àquele silêncio tétrico? Que tinha o mundo para lhe dar? O que iria encontrar nele? Que lhe importavam as suas grandezas? Onde a voz amiga, que o consolasse? Através da lousa do sepulcro não pode transudar o murmúrio humano, senão ao pé do túmulo de sua mãe escutaria palavras de ternura e afeto!

De outros lábios não as ouviria ele nunca mais!

Quatro anos quase, quatro anos de penitência e vigílias, de insônias e cogitações, em que derramara o mais puro sangue do seu coração de envolta com as lágrimas, que lhe caíam dos olhos, haviam extenuado tanto o seu corpo como o seu espírito, apagando da memória a recordação de tudo quanto a vida na juventude tem de ilusório, de sedutor e de fascinante.

Uma lembrança havia, uma imagem, que, se lhe tornasse a aparecer pura, imaculada outra vez diante dos olhos, converter-lhe-ia repentinamente num paraíso a existência. Mas essa via-a apenas por instantes assim, e logo vinha o íntimo bradar da consciência, tornando palpável a realidade, varrer-lha para sempre da imaginação.

Aquelas paredes haviam escutado os seus gemidos, aqueles hábitos que o amortalhavam, tinham embebido as suas lágrimas ardentes; ali esperava imperturbável e resignado, que chegasse a hora estrema que o libertasse da vida que tão pesada era para ele!

— E todavia, quando as portas dos conventos estalaram aos golpes dos machados, e os infelizes frades foram sem piedade expelidos, Paulo, arrancado à força do cantinho da sua cela, viu-se no meio do mundo, onde não conhecia, onde não tinha ninguém. Já não havia golpe capaz de ferir a embotada sensibilidade do seu coração; todas as suas fibras tinham estalado; restava-lhe um único sentimento, que havia de acabar quando ele acabasse; era o do amor imenso, que votara àquela mulher. Sabia-a perjura, tinha a consciência de que vivia feliz nos braços de outro, mas amava-a ainda, oh! amava-a com todo o poder da fatalidade!

De aldeia em aldeia, de povoação em povoação viera correndo o desgraçado, abstrato, estúpido de dor, estranho a quanto se passava em derredor dele, indiferente aos insultos, aos sarcasmos, que as turbas lhe dirigiam. Sem saber como, chegou a Lisboa.

Uma noite, que o norte agudo cortava até à medula dos ossos, extenuado pela fome, transido de frio, meio morto de cansaço, caiu exangue sobre os degraus da porta de uma casa apalaçada.

Depois da meia-noite parou ao pé dele uma carruagem; os lacaios viram aquele vulto ali, e deitando a cabeça pela portinhola uma voz mulher perguntou:

— Quem é esse homem?

— Não é um homem, minha senhora, é um frade, responderam os lacaios em tom de grosseira ironia.

— Recolham-no imediatamente, continuou a mesma voz, deem-lhe alguma coisa, se tiver fome, e chamem alguém que o trate, se está doente. Coitado!

Os lacaios agarraram do frade, que se não podia ter em pé, levaram-no para dentro, e deitaram-no sobre uma cama.

— Está morto, disse um deles.

— Desaperta-lhe o habito, e põe-lhe a mão sobre o coração. Redarguiu o outro.

— Nada, ainda tem fôlego, deixa ver o que ele traz aqui. Então! não querem lá ver! uma trança de cabelos e o retrato de uma rapariga!... hein! tenham dó destes meliantes; e a nossa ama a dizer... Volta já a contar-lhe tudo.

O estúpido lacaio subiu precipitadamente as escadas; a senhora da casa atravessava nesse momento uma das salas.

— Então, como está o pobre frade? perguntou ela ao criado.

— Não dá acordo de si, minha senhora; mas o melhor... é que lhe fomos dar com esta trança de cabelos e com este retrato de uma rapariga...

Luísa, — já vês que era Luísa — tirou o cabelo e o retrato das mãos do criado, olhou-o e ficou calada, lívida, imóvel por alguns momentos. Depois disse:

— Tragam esse homem com o maior cuidado para um destes quartos de cima, e vão chamar imediatamente um médico.

Assim que o criado desapareceu, ela caiu de joelhos, com as mãos erguidas a implorar perdão a Deus. Era trade! Quando vieram dizer que as suas ordens estavam cumpridas, dirigiu-se com passos lentos para o quarto onde jazia Paulo.

Palpitante de terror, abriu sutilmente a porta do aposento; depois caminhou pé ante pé até à cabeceira do leito, afastou mansamente as cortinas, e à luz mortiça da lâmpada pode ver o semblante do

homem, que ela reduzira a semelhante estado. Paulo tinha os olhos cerrados, a respiração quase imperceptível, o rosto demudado e lívido; o fatal selo da morte estava impresso em toda a sua fisionomia.

— É ele, murmurou Luísa.

Só o remorso lho poderia fazer conhecer; só a implacável consciência lhe podia assegurar ser esse o homem, que havia cinco anos tinha visto pela última vez.

Paulo abriu os olhos; Luísa estremeceu; mas não teve ânimo de afastar-se. Parecia que um poder oculto e supremo a fazia estar ali imóvel, submissa, suplicante, como o réu na presença do juiz inabalável.

O olhar de Paulo reanimou-se de súbito, os lábios entreabriram-se-lhe, estendeu as mãos para Luísa. Esta não pode conter-se, e lançou-se-lhe nos braços banhada em lágrimas.

— Oh! Paulo, perdoa-me! exclamou ela.

— Perdoo; assim Deus, diante de quem vou aparecer daqui a um momento, me perdoe o amor, que inteiro lhe devia a Ele, que inteiro entreguei a ti, como inteiro to consagro nesta hora estrema, Luísa. Oh! perdoo, perdoo tudo, por este instante que me deste. E os seus braços trêmulos apertaram contra o peito arquejante a cabeça adorada daquela mulher.

Houve momentos em que se não escutou mais do que o opresso arfar de ambos, os soluços entrecortados de Luísa, e esse murmúrio, que se não define, que é como o eco das procelas do coração.

— Dá-me aquela cruz, Luísa, disse Paulo, a final, em voz tão sumida, que parecia vir já do fundo de um sepulcro. Aquela cruz, e tu.

Depois destas palavras seguiram-se alguns movimentos mais curtos e apressados. Luísa chamou por ele; um suspiro abafado e rouco, mas profundo e longo, foi a única resposta. Tornou a chamá-lo uma e outra vez, com voz mais forte. Paulo tinha expirado.

— Aqui tens a história.

— E Luísa? perguntei eu.

— Luísa, era mulher; esqueceu-se dele, morto, como esquecera os juramentos que lhe tinha feito, vivo!

O meu poeta, apesar de fatigado pela extensa narrativa, levantou-se animado como sempre e disse-me, deitando um último olhar em volta de si:

— Foi aqui que um poeta meu amigo, chegando acompanhado por alguém que nesse tempo preocupava todos os seus pensamentos, improvisou estes versos:

*Nunca tão perto estiveste
Do lugar do sólio teu,
Formosa, pura inocência,
Cândida pomba do céu.*

Descemos pelas tortuosas e assombradas veredas da serra. Eram cinco horas estávamos no Calvário. Esta vista é diversa das outras e porventura a que apresenta mais formosura e originalidade. Precipitando a vista pela montanha vê-se a vegetação tão basta, tão compacta, tão luxuriante que parece que se nos despenhássemos dali ficaríamos suspensos sobre ela.

O sol batia naquele oceano de verdura produzindo admiráveis acidentes de luz.

Quando retiramos, o meu amigo, com o particular talento de improvisador que Deus lhe concedeu, deixou estampados numa pedra do pobre edifício os versos que se seguem:

*Adeus! oh selva encantada!
Do trovador que em ti veio
Dizer mil queixas ao vento,
Guarda a memória em teu seio.*

Descemos: o arrieiro esperava já por nós com os cavalos enfreados e prontos, montamos e partimos para a Graciosa, onde nos esperava aquela respeitável e carinhosa família. Eram pouco mais ou menos seis e meia da tarde; o sol declinava no oriente; a viração fresca impregnada no vivo perfume que rescendia daquelas várzeas e campinas vinha bater-nos suavemente nas faces.

Metemos a galope por um bocado de estrada nova que conduz a Viseu da qual estão já, segundo creio, três ou quatro léguas prontas.

Chegamos à Anadia, povoação que se compõe de meia dúzia de casas, era quase sol posto. Eu vinha excessivamente cansado e abatido, o meu poeta com a mesma veia, a mesma força de imaginação, o mesmo fogo de ordinário. De repente uma exclamação feita pelo arrieiro, que na forma do estilo caminhava a pé, fez-me levantar a cabeça:

— Oh! meus patrões, olhem que carinha está perdida neste país!

Voltei os olhos maquinalmente, e com efeito, dei com uma encantadora fisionomia. O meu poeta parou; estava literalmente embasbacado. O arrieiro, *filhote* de Coimbra, e tendo passado toda a sua vida a conduzir estudantes, de Vila Nova para a *nobre cidade*, ostentava nesse momento de mão na ilharga e barrete ao lado toda a desgarrada expressão do legitimo *futrica* e deitava para ela os olhos mais atrevidamente desejosos que o leitor pode imaginar. O meu

poeta voltou-se repentinamente para a gentil figura da jovem menina, firmou-se nos estribos, e levantando-se da sela disparou-lhe à *queima roupa* a seguinte quadra:

*Bela virgem da Anadia,
Namorado trovador
Na doce aragem te manda
Um pensamento de amor.*

A pobre menina, sobressaltada e confusa com estas pouco convenientes demonstrações de entusiasmo, cravou os olhos no chão, apressou o passo, e caminhou para a sua casa, que felizmente ficava defronte, no outro lado da rua. Ao atravessar passou muito perto de mim; ia escarlata como uma papoula.

— Vês, aí está o que tu fizeste!

— Fiz o que, homem? não vês como ela está olhando da varanda, e sorrindo para mim?

— Para ti? perguntei eu, um *siés não és* despeitado.

— Para mim, que duvida!? querias certamente que fosse para ti... e o meu improvisado?

Tudo isto dizíamos nós continuando a ficar parados, e com efeito a galante menina continuava também a deixar-se estar na sua varanda, sorrindo e olhando para nós a furto.

— Se lhe pudesse ouvir a voz, disse o meu amigo.

— Talvez levasses um grande desapontamento.

— Não importa, vou tentar sempre.

E chegando as pernas ao cavalo pôs-se de um salto debaixo da janela.

— Perdão, minha senhora, mas se vossa excelência nos mandasse dar um copo de água, estamos mortos de sede.

— Pois não, com muito gosto. Maria, Josefa, vão levar depressa água àqueles senhores.

A voz mais fresca, mais argentina, mais sonora e ingênua que tenho ouvido, saiu de seus lábios vermelhos e graciosamente recortados.

Seria essa a menina dos rouxinóis que houvesse ressuscitado!

Não, que não tinha *olhos verdes*.

Eram azuis da cor do céu antes de romper o sol numa alvorada de outono. Sobrancelhas escuras e perfeitamente desenhadas, sorriso inocente e alegre como o dos anjos, faces frescas como as da rosa brava quando nasce no mês de abril por aquelas luxuriantes devesas. Corpo elegante e flexível, delgado sem ser magro. Pescoço alto e bem torneado, gestos fáceis e graciosos sem afetação nem estudo; enfim cheia de vida, e de formosura como a virgem das montanhas, que passa a sua infância correndo livre pelos campos, e assim cresce, assim ganha agilidade e encantos que não pertencem às *enfzadas* e quase sempre raquíticas mulheres, cuja educação se desenvolve no centro das grandes cidades.

Eis aqui pouco mais ou menos a formosa desconhecida, que admiramos tanto, e que tanto sobretudo devia admirar a quem como nós no decurso de léguas e léguas tínhamos debalde procurado encontrar uma fisionomia suportável. Porque enfim (e seja dito ao ouvido do leitor discreto para que não se ofendam as susceptibilidades das nossas elegantes), este é o país clássico das mulheres feias.

Deixamos a bela desconhecida, que nos cortejou com a maior amabilidade, e agora o confesso (que já lá vai muito tempo), evidentemente o meu amigo ficara vitorioso; um sorriso

significativo, um volver de olhos que queria dizer tanto, foram a paga do inesperado improviso.

Estávamos a pouco mais dum tiro de espingarda da *Graciosa*. Os variados e magníficos quadros que tínhamos contemplado durante o dia, haviam atuado tão fortemente sobre o nosso coração como sobre o nosso estômago.

Foi nesta disposição que deitamos os cavalos a galope, e dentro de poucos minutos estávamos apertando a mão do C. G., que depois de nos haver apresentado à sua amável senhora, foi conduzir-nos para a mesa, onde nos esperava um confortável jantar.

O nosso poeta, como de ordinário, achava-se em veia; a palavra saia-lhe fácil, abundante e espirituosa. O raio elétrico da inspiração cintilava nos seus olhos garços e insinuantes. Os mais leves assuntos, os objetos mais simples, bastavam à sua musa, que os revestia, e idealizava, como o sol no ocaso, roçando pelas nuvens diáfanas, que se aglomeram no poente, as esmalta das mais enquizilas cores.

Levantamos-nos da mesa, e fomos para a sala onde estavam reunidas várias pessoas das cercanias, decididas a passar a noite naquela estreita e suave intimidade, que é um dos impagáveis atrativos da vida de província.

A corte presunçosa e desvanecida supõe que se não convive, que não existe o sentimento do belo, do delicado, do gracioso, senão no meio dos salões das grandes cidades, entre o: *Não acha?* de uma elegante mais ou menos suportável, e os ditos picantes deste, ou daquele fabricante de espírito. Pois engana-se de meio a meio. Aquela ingenuidade e frescura de coração, que se entusiasma e sobressalta com a sensação, mais leve, porque, cheio de vida e sensibilidade, não carece de estimulantes fortes para bater alvoroçado; isso que constitui o que há de mais fascinador na

mulher, não o procurem em geral naquelas que aos onze anos *debutam* no baile de entrudo no *Club do Carmo*, porque aos dezoito, ou aos vinte o muito, tem *arruinado* o precioso capital de sentimentos que Deus lhes concedeu. Permitam-me pois que faça agora a minha profissão de fé, e que me declare neste ponto pelas provincianas, embora me condenem de *relapso*, ou, o que é pior ainda, de *sensaborão*.

Chegando ao limiar da porta, o meu poeta estremeceu, e batendo-me no ombro, exclamou com particular entonação estes versos, então ainda inéditos, do imortal poeta das *Folhas Caídas*.

*Vive Deus! que é esta, aquela,
A que eu vi na tal janela,
E que triste me sorria
Quando passando me via
Tão pasmado a olhar para ela!*

Quem havia de ser, aposto que já o adivinhou a leitora inteligente. Quem havia de ser, senão a encantadora menina que Unhamos visto poucas horas antes na varanda daquela casa da Anadia!

Mais de perto agora, e com a minuciosa atenção de artista, podemos examiná-la, e observar se uma linha, uma feição, desarmonizava no conjunto admirável. A cabeça pequena, e digna de servir de modelo a um estatuário, sem o menor adorno, deixava ver a abundância de cabelos finos e anelados, que iam achatar-se em modestos *bandós* sobre as fontes.

Será corada talvez de mais?

Não, a cor vivíssima que lhe afronta neste instante as faces, vem-lhe em ondas ao rosto, e vê-se que é proveniente do sobressalto com que lhe bate o coração.

O nosso poeta está junto dela, e o diálogo rompe incerto no princípio, como o fogo de uma linha de atiradores. Pouco a pouco

vai-se tornando mais vivo e continuado.

Está *engajada* a ação. Quem será o vencedor?

Provavelmente fica-se em campo neutro.

— Como se chama esta virgem oceânica?

— Maria.

— Maria! O nome é vulgar, não sei se a poesia, na força de 32 graus, de que te achas neste momento possuído...

— Vulgar! Querias certamente que tivesse um nome do *calendário romântico*.

Maria! não sabes que quer dizer, *estrela do mar, rainha, senhora, soberana*, nalgumas línguas, e em outras, *lágrima de dor*?

Que é o nome da Virgem, que evocamos na poética oração do despedir do dia, o único nome que devia ter para harmonizar com a suavíssima expressão do seu rosto inocente e casto?

Dei-me por convencido, e cedi a benefício das musas a poesia do nome.

A noite passou rápida e agradável; com o declinar da tarde do dia seguinte chegou a hora de nos dizermos *adeus*.

Beijamos as mãos daquela amável família, e partimos com o coração cerrado por essa tristeza vaga, que experimentamos sempre depois de uma despedida, embora se dê entre pessoas cuja convivência foi de algumas horas apenas.

O sol desmaiava na coroa dos outeiros, nuvens diáfanas esmaltavam o céu dando-lhe um aspecto suavemente melancólico, e as aves por entre as balsas improvisavam as primeiras estrofes do seu canto da

noite.

A alma começava a embeber-se naquela saudade da hora crepuscular tão grata e suave.

O meu companheiro meteu o seu cavalo a galope, como levado por um movimento de impaciência; compreendi-o; provavelmente, gratos pressentimentos lhe diriam, que a varanda daquela casa da *Anadia* não deveria estar deserta.

Assim era; encostada ao canto, e debruçada um pouco, a formosa provinciana alongava a vista na direção em que nós vínhamos. Chegamos ao pé, e cumprimentamos; eu a respeitosa distância, o meu poeta o mais próximo que lhe foi possível.

O raio da infinita alegria que lhe alumia o rosto no primeiro dia em que a vimos, tinha amortecido, e nos olhos parecia brilhar o orvalho das lágrimas. Seria da tarde que estava melancólica? Seria. As flores animam-se com o romper da aurora, e desmaiam com a chegada da noite.

O que eu posso assegurar é que houve algumas palavras em voz baixa; e não foi sem certo tremor de voz, que ela proferiu o último adeus ao poeta que a saudara, um dia antes, com aquele feliz improviso.

Por essa ocasião lamentei profundamente, que a Providência me não houvesse concedido o mesmo dote. Ainda com a pena na mão, depois de riscar e rabiscar muito, lá consigo por quatro ideias mais ou menos chochas em *hendecassílabos*, mas nos *in prontos* sou uma desgraça!

E para cativar a sensibilidade do sexo feminino, creio ser esta uma condição essencial; senão recordem-se dos poetas de outeiro, os nossos amigos do tempo de Bocage, com as freiras de Odivelas, e digam-me se não fizeram mais conquistas com as suas glosas, do que Lamartine e toda a ilustre família de vates sentimentais com as

suas elegias corretas e aumentadas.

Nota-se ainda, quando temos a dita de encontrar alguma elegante dessa época, o entusiasmo com que fala das bem-fadadas vésperas de São João, e corpo de Deus, em que a musa despreendendo a voz e soltando as asas, acendia o estro dos cantores, que se desfaziam em décimas e sonetos.

A mão furtiva da piedosa freirinha pagava a inspiração, com *fartes e rebuçados*, o poeta satisfazia ao mesmo tempo dois órgãos importantíssimos, o estômago e o coração. Agora calcule-se a prodigiosa diferença! O *menestrel* romântico escreve um grosso volume recheado de composições nebulosas, onde a rima desfilando uniforme como os pelotões em dia de revista, dá ao pensamento certa solenidade que o torna mais sombrio e carregado ainda. Em seguida corre com o livro a casa do editor que o toma nas mãos, e lhe calcula o valor pelo número das páginas, com grave indignação do vate que vê reduzida ao módico preço de alguns tostões a preciosa coleção das suas *elas*.

Eis aqui o que nos trouxeram os reformadores; obrigaram as musas e o loiro Apolo a fugir espavorido em presença do alaúde romântico, cujas notas soturnas contrastam singularmente com os sons alegres e festivos da lira arcádica; a poesia perdendo então os foros do *improviso*, que a tornava tão graciosa e jovial no seio dos anafados Belmiros, veio refugiar-se triste e pensativa no peito destes macilentos cantores, onde se evapora em gemidos, e a maior parte das vezes em tremendas imprecações. Destas profundas e sábias considerações fui descaído noutras não menos importantes, mas que apesar de interessantíssimas não podem transmitir-se ao papel por serem íntimas de mais. A noite começou a carregar-se de pesadas sombras. A neblina levantando-se da terra dava aos objetos um aspecto fantástico, a natureza casava-se maravilhosamente com a disposição do meu espírito nesse momento. Quase sem dar palavra um ao outro caminhamos até Coimbra.

Estes apontamentos, que o leitor benévolo tem tido toda a complacência de ir *decifrando*, não seguem ordem, nem método, nem coisa alguma que se lhe pareça.

Tais quais vieram ao bico da pena os fui transcrevendo aqui. O que posso fazer é juntar algumas notas em certas passagens mais obscuras, para que se não perca de todo a inteligência do texto.

Lembra-me agora, porém já tarde infelizmente, que lhe podia ter chamado *Fragmentos de um livro* inédito, e deste modo satisfazia às exigências titulares da aristocracia romântica, e ao pensamento da obra. Foi uma cabeçada imperdoável.

Todas estas considerações, leitor, vem para te dizer que nos achamos a 12 léguas de Coimbra, na pequena aldeia das *Cortes*, que fica a pouca distância de Leiria. É aqui que se devem passar os episódios mais interessantes desta espécie da miscelânea literária.

A pequena aldeia das *Cortes* é um destes risonhos lugares onde a alma se dilata suavemente, e que parecem feitos para ocultar no seio a etérea felicidade de dois amantes nos primeiros e breves dias da lua de mel. Nada que arrebate, que fascine, que nos surpreenda enfim com frenético entusiasmo.

Nem montanhas gigantes, nem profundos vales, nem torrentes impetuosas, nem horizontes ilimitados onde a vista se perde como a razão nos domínios da metafísica.

Porém quanta amenidade nas encostas revestidas de verdura, nas azinhagas onde a madressilva e a mosqueta brava perfumam os ares, nas águas do rio, nas árvores, nas várzeas cobertas de relva, e tapetadas de flores, dignas de figurarem num idílio de Teócrito!

Foi ali ouvindo sussurrar o Lis, cuja águas

Em cobras de cristal correndo saltam

que um dos nossos antigos poetas, dos mais delicados e harmoniosos, Rodrigues Lobo, recebeu as primeiras inspirações da sua musa pastoril e ingênua. A beleza alpina daquelas paisagens respira nas canções que celebram a graça e formosura do seu pátrio ninho.

*Estávamos em maio
Quando as aves pelo ar,
As aves e os bosques,
Tudo se anda a namorar.*

À beira do Lis fica a casa do nosso poeta. Às águas vão derivando, ora plácidas no declívio do leito mais suave, ora caindo vivas onde a queda é mais rápida, e borbulhando em cachões de espuma nas voltas e sinuosidades. Feliz de quem numa bela manhã de primavera pode aspirar as lufadas daquele ar vivo e salutar, sentindo renascer sensações que os anos, e a experiência, vão pouco a pouco embotando, e que só o risonho aspecto da natureza tem poder de nos acordar n'alma com a memória dos dias serenos da infância!

E à tarde quando o sol declinando nas encostas estira ainda os raios frouxos pela veiga que fica fronteira!

Pois foi de tarde, no primeiro dia que aí cheguei, que o meu poeta, vendo que a melancolia da hora crepuscular começava a dominar-me, disse:

*Vamos à triste devesa,
Onde a madressilva em flor
Esparge os gratos perfumes
Que me embriagam de amor.*

Saudei o improviso e dispus-me a tomar a sério o papel de Pastor Peregrino, salvo o surrão e a avena, percorrendo aqueles campos na

mesma disposição bucólica em que o autor da *Corte na Aldeia* nos mostra o seu herói favorito. A minha situação era pouco mais ou menos a mesma, à parte as Marílias e Alteias de olhos castos, e sorriso ingênuo, que no século XVII saíam de entre as moitas e balseiras, graciosas e frescas como as ondinas do mar, e que no século XIX se acham indignamente substituídas pelas reforçadas e legítimas *lôbregas*, quase todas de fealdade hedionda. As flores, as árvores, as águas, o canto dos pássaros, creio que deviam ter a mesma harmonia, o mesmo perfume, o mesmo esplendor e formosura do que nessas eras de eterna e gloriosa memória.

Tínhamos caminhado largamente, falado, discutido, dado asas à imaginação que esvoaçava de assunto em assunto, livre como as aves saltando de ramo em ramo. Sentamo-nos à beira do rio, e junto dum agigantado cipreste, que por singular contraste se eleva sombrio e taciturno no meio da veiga graciosa e alegre. O cipreste e o rio, sobretudo o rio:

Super flumina Babilonis...

fez-nos cair em melancólica e profunda meditação.

Não sei por quanto tempo durou este estado, mas não devia ser muito. Uma circunstância inesperada veio arrancar-nos da situação em que estávamos absortos e achamo-nos repentinamente na vida real.

Poucas vezes se abandonam os domínios da imaginação, entrando no mundo das coisas positivas e tangíveis, sem que na passagem, na transição momentânea, se deixe de experimentar o quer que seja desagradável. Desta vez, porém, não foi assim. Na estrada, que passava a pequena distância do lugar em que nos adiávamos, sentimos o som argentino e fresco de uma voz de mulher, voltamo-nos, e eu confesso que no primeiro instante supus estar ainda sob a impressão benéfica do sonho *acordado* em que se enleara o meu espírito com a aproximação da hora crepuscular.

Cuidei que dentre as imagens graciosas e suaves, que a imaginação ia debuxando a traços rápidos e cores mal distintas, se havia uma delas precisado mais, animado repentinamente, convertendo-se numa entidade real. Ia afirmar a vista, certificar-me ainda, quando um pequeno aceno de cabeça, acompanhado de um sorriso de amigável e encantadora cortesia me assegurou não somente de que era real a figura que tinha diante dos olhos, porém o que é mais ainda, minha conhecida. Tudo isto foi rápido, porque o cavalo em que vinha montada correndo a galope fechado desapareceu em breve na volta da estrada.

— Não esperavas por este encontro, disse A... sorrindo ironicamente.

— Não, decerto. Há quatro meses que a vi em Lisboa, e cheguei a supô-la dentro de pouco tempo vítima de uma tísica pulmonar.

— Eis a influência destes ares, não te dizia eu? Deixaste-a na corte moribunda, e viste-a agora, aqui, fresca e corada como as rosas dessas campinas.

— Quem era o homem que a acompanhava?

— Um tio, um primo, que sei eu? destes mil e um parentescos em que se enreda a aristocracia.

— Mas ouvi falar numa paixão que a levara às portas da morte, e a decidira a encerrar-se para sempre num convento! Tudo isso acabou em quatro meses, como a tísica, com a influência desta atmosfera?

— Creio que sim, respondeu A... olhando para mim com ar malicioso.

— Vamos, aqui há o que quer que seja; conta se sabes; não me deixes por mais tempo em expectativa.

— Há sim, mas é uma história longa.

— Não importa; matam-se as horas e satisfaz-se a minha curiosidade que vai já tocando as raias da impaciência.

— Pois tu não sabes?

— Não sei nada.

— Bem; acende o cigarro e escuta com atenção.

O meu poeta procurou em volta de si o espaço de relva que lhe pareceu mais fresco, e recostou-se voluptuosamente sobre ele, pediu-me lume, tirou duas largas fumaças, e pôs-se a olhar para as estrelas, que principiavam a brilhar no firmamento. Instantes depois começou a sua verídica narração.

A elegante figura que vimos passar como por encanto diante de nós, sabes que é, nem mais nem menos do que a filha mais moça do visconde, conde ou marquês, não sei ao certo o título, porque desde a data da regeneração, sua excelência que pertencia à ilustre família dos Catões, e que era um Catão terrível, tem partilhado das mercês e graças, com que por cúmulo da humildade evangélica se resignam os nossos republicanos, *democratas e sociais*. Seja conde, visto que na história heráldica é este o primeiro de todos os títulos.

Depois dos tumultos civis de 1828, o conde S..., simples cidadão nesse tempo, decidiu-se a abraçar o partido constitucional, abandonando pátria, amigos, tudo enfim, menos a família, porque foi coisa que desconheceu desde o berço, circunstância fatal, que faz ainda hoje com que as línguas danadas lhe deem por solar a *santa casa da misericórdia*. Vejam quanto pode a malevolência, e a inveja! Partiu pois de Portugal. Em poucos dias estava em Inglaterra com os seus companheiros de infortúnio, e alguns meses já de volta na Terceira, e depois no Porto cegando os loiros de Marte no modesto posto de sargento. A guerra terminou enfim; e como não sei eu, mas

o fato é que na primeira legislatura, os seus numerosos amigos conseguiram elevá-lo à vantajosa posição de deputado.

Ora é sabido que em um homem pondo os pés em São Bento, sobretudo um homem que compreende bem a alta missão de que se acha encarregado, tem atravessado o Rubicon. Daí a ministro não vai um salto. A tanto não chegaram as suas ambições; contentou-se em gerir os negócios detrás da cortina; a fazer um casamento rico, a apoiar todos os governos, a criar bancos, companhias, etc. etc. e a aceitar os arminhos de *par* numa das últimas fornadas. Eis aqui pouco mais ou menos, a largos traços, a história deste personagem, que tem de mais a mais o merecimento de não obrigar ninguém a fazer conjecturas, nem a criar odiosas personalidades, porque se confunde com outras muitas.

Disse-te que o conde S... possuía grandes instintos republicanos, e bem sabes que os republicanos pelam-se por se unir estreitamente com a aristocracia. Partindo deste ponto, assim que as faces de sua filha começaram a afrontar-se com o pudor da juventude, e os olhos a brilhar com aquele fogo que devora a alma, tratou de lhe procurar um noivo, décimo sétimo, décimo oitavo, ou décimo nono *senhor não sei de que*, e de a ligar a ele pelos indissolúveis laços do himeneu. Todos sabem que a heráldica possui os seus brasões mais esplêndidos nas fachadas enegrecidas, e cobertas de hera dos palácios da província. O conde S... e sua filha partiram para o Minho, com grave indignação de alguns décimos quartos e décimos quintos que passeavam a sua preciosa nulidade no Chiado, e que deitavam havia muito olhos cupidos à riqueza da ninfa, para rebocarem com ela seu desmantelado *senhorio*.

N... tinha 15 anos quando seu pai tomou esta heroica resolução. O casamento fez-se imediatamente. Passado um ano o esposo foi acometido de um *tifo*, e no fim de três dias tinha dado a alma a Deus!

N... voltou para Lisboa, e o crepe da viuvez encobria aquele rosto onde começavam a desabrochar as pompas da juventude e da

formosura.

A rosa no meio do esplendor das suas galas, quando viceja no prado, iluminada pelo sol que vem rompendo numa bela manhã de primavera, arrebatada, e seduz os sentidos; porém se a vemos pendida sobre um túmulo, entre os goivos da campa, a impressão é diversa e porventura mais perigosa, para o coração que se comprime de dó vendo-a tão bela, e tão triste; para os olhos que admirando-a a lastimam orvalhados de pranto.

Como podes crer, mais de um poeta romântico invocou a musa, e celebrou em versos descabelados os dotes daquela formosura e os atrativos da sua tristeza. O janota *pur sang*, esse escusado será dizer que a seguia por todas as partes, com a mesma pertinácia, e prodigioso faro com que o meu Azor persegue uma perdiz por estes campos.

Quando a sua carruagem aparecia, as vedetas postadas à porta da Lavaillant davam imediatamente sinal ao grosso da força que se achava disposto em linha de batalha em frente do conhecido café do Marrare.

Para que possas entender melhor esta história, é preciso que saibas, visto que não a conhecestes nunca senão de vista, qual era o caráter da heroína deste romance. N... fora educada com o maior esmero, e possuía inteligência muito acima do vulgar. Nervosa, exaltada, romântica enfim, visto que a palavra é da moda, e vem maravilhosamente para a situação, até ao dia do seu casamento fora constantemente acompanhada por uma aia inglesa ainda moça, e excelente criatura, apesar de pertencer à preciosa família das *Blue-Stokings*. N... partilhava das ideias de seu pai no que dizia respeito à parte democrática. O pensamento de se ligar a um ramo da primeira nobreza fez-lhe bater alvoroçado o coração, que até aí apenas experimentara sensações, que não sabia ao certo definir com a leitura de alguns romances de *Anna Badecliff*, que ornavam a biblioteca particular, e faziam as delicias da inglesa que lhe haviam dado por mestra. Uma vez somente revolvendo a pequena estante,

encontrara esquecido no meio das obras pias e meritórias que a adornavam, um livro de versos; abriu-o e deparou com o D. João, de Byron.

Passada uma hora a inglesa entrou no quarto e surpreendeu-a com o livro nas mãos. Vermelha como uma cereja, e sem se atrever a perguntar onde o havia encontrado, ousou contudo proibir-lhe a leitura.

Era já tarde. O primeiro canto tinha sido devorado, e aquele poético episódio de D. Júlia com o andaluz estava a arder-lhe na cabeça. Depois, bem sabes que a proibição foi causa do pecado original. N... procurou mil rodeios, e conseguiu finalmente ler as obras completas do famoso *lord*. Quando partiu para o Minho, *D. João* tinha sido evidentemente o objeto dos seus primeiros afetos. Vendo o esposo que lhe destinavam, personagem gordo e anafado, inimigo capital da letra redonda, antípoda de toda a ideia romanesca, sentiu, como vulgarmente se diz “cair-lhe a alma aos pés.” Contudo era forçoso entregar-se em holocausto àquele ilustre representante de não sei quantos avós, e quantos títulos.

Nestas penosas circunstâncias, durante o ano que a providência lhe conservou o esposo, teve de exercer o seu sentimentalismo entre os heróis do mundo da folha do papel. Primeiro D. João, depois Lara, Manfredo, e finalmente o Safi da Salamandra de *Eugênio Sue*. Estes caprichos de imaginação exaltada continuaram depois de viúva. Os assaltos mais vivos tinham vindo frustrar-se naquela fortaleza inacessível às tentativas humanas. Os mais valentes desanimaram.

Um dia, ou antes uma noite, achávamo-nos reunidos em casa de D... naquele estreito círculo de pessoas escolhidas onde as horas passam sem se sentir. N... estava aí, bela e fascinadora como sempre.

A conversação recaiu casualmente na pessoa do nosso particular amigo V... Fui eu que tomei a palavra. Conheces as relações de sincera e estreita amizade que nos unem desde a infância, e sabes que ninguém podia desenhar com mais verdade as feições daquele

caráter severo e nobre.

A parte das suas aventuras amorosas passou em revista, e neste ponto todos foram concordes em afirmar que era homem incapaz de se impressionar vivamente.

Diversas anedotas vieram comprovar o fato. Os olhos do mundo veem quase sempre as coisas à superfície; às vezes é mau que assim seja, outras torna-se conveniente. Não me opus à ideia geral; pelo contrário, acrescentei algumas particularidades, tornando deste modo mais estável a opinião pública. Não sei por que tive o pressentimento que deste modo lhe prestava relevante serviço.

N... ouviu atentamente, e notei que o seu rosto se animava de singular expressão. As minhas palavras haviam despertado no seu espírito um dos mais poderosos sentimentos da mulher— a curiosidade.

A primeira vez que falei a V... relatei-lhe o que se tinha passado, sem lhe aumentar, nem diminuir a impressão que julguei ver no semblante da tentadora viúva.

— Conheces o campo, e sabes o sentido em que deves manobrar...

Sorriu-se ironicamente.

Passado um mês, V... tinha nas mãos uma carta, modelo de epistolografia romântica.

N... estava loucamente apaixonada por ele.

Nos bailes, nos teatros, nos passeios, nas reuniões particulares, por toda a parte os dois eram o alvo da conversação e invejas masculinas e femininas.

Haviam decorrido três meses de adoração ideal.

Uma noite V... achava-se em casa dela. Era na primavera, as janelas do quarto deitavam para o jardim, a brisa fresca penetrava no aposento impregnado em suaves perfumes.

A luz tinha amortecido. Duas circunstancias fatais!

A elegante viúva reclinada sobre o sofá apertava estreitamente contra o seio as mãos de seu amante. Ele imprimiu-lhe na face um beijo ardente. Ela estremeceu. Incompreensíveis mistérios do coração humano!

Por muitas vezes se haviam encontrado ao pé um do outro no mesmo delicioso *tête-à-tête*, e apesar da sua audácia, V... não se atrevera jamais a firmar os lábios naquela fronte adorada.

A luz amortecia, o perfume aumentava, e a razão de ambos perdia-se nos desvarios da paixão. As horas correram, e já os primeiros clarões da madrugada começavam a alegrar o horizonte, quando os dois amantes se separaram depois dum abraço estremecido e tenaz.

No dia seguinte a esta cena V... recebeu uma carta dela; eu estava em casa dele.

Abriu-a, leu-a, e fez-se pálido.

Era uma missiva admirável na forma.

Ninguém neste mundo é capaz de despedir com maior polidez e amabilidade um hospede importuno.

Ambos ficamos atônitos, e quisemos atribuir a tudo, menos à verdade, a causa daquele procedimento.

Era realmente inexplicável, sobretudo depois do que se tinha passado na véspera.

Nessa noite havia um baile. Pouco depois de nós havermos chegado

entrou N... Vinha deveras encantadora. V... estremeceu, ela passou junto dele, cumprimentou-o com a maior afabilidade, e com o ar mais tranquilo deste mundo.

Nem um músculo da face, contraindo-se, acusou a menor impressão do espírito.

A bela viúva despedia-se deste herói de *carne e osso* com o mesmo sangue frio com que abandonara anos antes os heróis dos seus livros favoritos.

Para não ficar resto de dúvida, em toda a noite aceitou abertamente a corte a um adido francês que havia chegado poucos dias antes à capital, homem de aspecto agradável, e fina inteligência.

Pouco mais ou menos no fim do mesmo tempo, e exatamente depois da mesma cena que se passara com V... quebraram-se as relações.

Durante três anos, cada trimestre tinha um amante, e abandonava-o precisamente no dia seguinte àquele em que lhe havia dado a maior prova de amor que uma mulher pode dar neste mundo.

Há de haver ano e meio, N... foi atacada pela monomania do casamento. Apesar da sua posição e dos seus meios, depois das circunstâncias que se haviam dado, achar um marido não era das coisas mais fáceis. Contudo a ambição, a febre do himeneu continuava. Por essa época um pobre rapaz nascido na mais alta aristocracia, saído apenas do colégio, e entrando no mundo, viu-a e namorou-se da sua notável formosura. O ensejo parecia providência; N... pôs em ação todos os meios da sua ciência diplomática.

O jovem inexperiente bebia a largos tragos naquele filtro delicioso, mas enganador, para me servir de uma expressão *palpitante da atualidade*. Pobre coração de dezesseis anos! A paixão tocava as raias do alienamento! A ingênua criança estava pronta a deixar-se roubar (se preciso fosse), para se oferecer em sacrifício nos altares do

himeneu.

N..., com maravilhosa sagacidade, conseguira abrandar a cólera de todas as *tias* e primas que pertenciam ao mancebo, jurando esquecer o passado, e seguir no futuro o piedoso exemplo de Madalena. O rapaz era órfão, e o tutor que administrava a sua avultada riqueza, foi também seduzido por esta Maintenon do século XIX. O fogo ardia na pira, e a vítima estava pronta a imolar-se nele.

Conheces o caráter de V... e sabes que é homem capaz de perdoar tudo, menos uma ferida de amor próprio.

Tinha jurado vingar-se depois daquela carta, e daquele baile, o acaso proporcionava-lhe uma situação maravilhosa para isso. Parente ainda, e sincero amigo do *predestinado* noivo, decidiu empregar todos os meios para o dissuadir do casamento. Deste modo praticava uma ação meritória, e vencia com juro a letra que tinha em aberto. Um dia procurou o seu terceiro, quarto, ou quinto primo, não sei bem o grau de parentesco que os ligava, e começou a acompanhá-lo constantemente.

Sabes que não existe nada que possa cativar e satisfazer mais as ambições de um rapaz que entra no mundo do que ver-se em estreitas relações com um homem, cujo nome se tem tornado notável na sociedade pelos esplendores de uma vida elegantemente desordenada.

No fim de oito dias V... tinha conseguido mais do que todas as *tias* e *lias* com os seus conselhos. As portas da exposição de Londres iam abrir-se.

Se o inexperiente mancebo se decidisse a partir com ele para a soberba Albion, estava salvo. As lágrimas que lhe orvalhassem os olhos com as saudades da sedutora viúva, haviam de enxugar-se à branda chama dos olhos azuis das formosuras do norte.

V... tinha a sua polícia secreta, e sabia preparar as situações... O tutor

reconsiderou em presença do que este lhe disse, e prontificou-se a coadjuvá-lo no seu plano.

Eram cinco horas da tarde de um dia de maio. V... depois de haver tomado um copo de absinto, estimulante sem o qual o seu estômago se não preparava convenientemente para as delicias de um confortável jantar, passeava de braço dado com o seu elegante e inocente *pupilo*, no largo do Terreiro do Paço. Estavam ambos à beira do mar. O paquete inglês, que devia partir no dia seguinte para Southampton, fundeava no Tejo.

— Meu caro, parto amanhã para Inglaterra; vou até à exposição.

— Está gracejando?

— Estou falando muito sério.

— Então decidiu-se de um instante para o outro?

— Pois de outro modo toda a gente o faz. Quer vir comigo?

— Eu... balbuciou o ingênuo rapaz, vermelho até a raiz do cabelo, e evidentemente fascinado por aquela proposta.

— E por que não? continuou V... Eu me incumbo de arranjar tudo, pode voltar no fim de quinze dias se não se der bem.

— Está dito, acompanho.

— Bem; nesse caso não há tempo a perder; é preciso darmos ordem para que façam as malas, e tomem os lugares.

Duas horas depois deste breve e concludente diálogo, estavam no *Matta* com vários amigos, em presença de um jantar, que V... tinha mandado preparar na manhã desse dia, prevendo as circunstancias que deveriam dar-se.

Era meia-noite, e ainda durava a conversação animada e espiritualizada pelas repetidas libações do Champagne.

V... chamou à parte o seu protegido e disse-lhe:

— Sabes tudo, conheces agora aquela mulher depois da expansão que tive contigo. É preciso que não hesites; aqui tens pena e papel, escreve-lhe uma carta, e despede-te dela. Se queres, eu dito.

— Será melhor, disse o pobre moço visivelmente comovido.

V... levantou-se pondo-se em posição que não pudesse ser visto pelo seu companheiro, tirou da carteira um papel e principiou a ditar textualmente o que ele continha.

Era nem mais nem menos do que a mesma carta que N... lhe tinha mandado havia três anos.

No dia seguinte o vapor transpunha a barra, e V... contemplava, sinceramente comovido, o rosto do seu jovem companheiro que se alagava de lágrimas.

N..., quando recebeu a carta, reconheceu imediatamente que fora vítima da infernal vingança de V... Ferida na parte mais sensível do seu amor próprio, ludibriada aos olhos do mundo, perante o qual estava próxima a reabilitar-se, todos os poderes do seu orgulho, todos os caprichos da sua vaidade feminina se chocaram violentamente. Caiu como fulminada.

À febre do espírito sucedeu a febre do corpo.

Esteve às portas da morte. De fato, quando a viste há quatro meses em Lisboa, ninguém supunha que pudesse salvar-se. Os poucos anos reagiram e sobretudo a sede insaciável de levar avante os seus projetos.

Mandaram-na tomar ares. Veio para a província. Passados quinze

dias, certo personagem, nosso antigo conhecido, chegou aqui numa comissão do governo. Era o homem da situação. Caráter de prodigiosa elasticidade, moldava-se facilmente a qualquer forma com tanto que lhe conviesse. Despreocupado de vãos preconceitos desprezava profundamente os escrúpulos de consciência e essas ridículas puerilidades em presença das quais se acovardam os espíritos honestos. Há muitos anos que encarava o casamento como única especulação econômica capaz de o salvar dos seus terríveis embaraços pecuniários. O acaso havia-o feito nascer nisso a que o mundo chama aristocracia, e a natureza dotara-o de formas agradáveis, e inteligência não vulgar. A interessante e sentimental viuvinha teve ocasião em breve de se relacionar com ele. Os padecimentos, desmaiando as rosas das suas faces, tornaram-lhe mais simpática a formosura, e escusado será dizer-te que desde o primeiro encontro o *deus vendado* atravessara com a mesma seta aqueles dois corações, como diria um poeta da Arcádia. Aqui tens a razão por que a viste há pouco, tão animada e alegre, correndo a cavalo por estas campinas. O casamento deve efetuar-se dentro de dois dias. A Providência deparou-lhe, finalmente, a ela um marido (objeto a que aspiram com avidez todas as Madalenas arrependidas), e a ele uma posição monetária que o deve elevar a conde ou visconde, qualquer destes dias.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com